

## **CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE NA DESCONSTRUÇÃO DO ALUNO-PROBLEMA**

Autor: Marcos Venâncio Mendes

Orientador: Fabrício Ribeiro

*Centro Universitário Newton Paiva*

**Resumo:** Ao longo dos tempos, os alunos que eram considerados problemas para a escola foram alvos de estudos. O termo criança-problema foi empregado, pela primeira vez, em 1939 para nomear os alunos que eram considerados desajustados ou que tinham dificuldades de adaptação ao meio em que vivia. Porém, no decorrer do tempo, essa expressão foi ganhando novas significações e ainda hoje, é muito utilizado nas instituições escolares, o que influencia no processo de ensino/aprendizagem do estudante, colaborando para o seu fracasso escolar. Diante disso, esse trabalho teve por objetivo, compreender as principais contribuições da psicanálise na desconstrução do estereótipo do aluno-problema, assim como, identificar os efeitos causados na subjetividade do aluno perante a rotulação, entendendo que o fracasso escolar seja um deles. Para maior compreensão do tema, foi feita uma revisão da literatura científica, por meio de pesquisas bibliográficas, adotando como base, a abordagem psicanalítica e autores que são referências na temática, o que norteou a elaboração desse estudo.

**Palavras-chave:** Aluno-problema, Educação, Fracasso Escolar, Psicanálise.

### **Introdução**

A temática desse estudo refere-se à condição de aluno-problema em que o sujeito se encontra no âmbito escolar, compreendendo-o através da teoria psicanalítica, no qual, esse é tido como um produto do discurso do Outro que se aliena neste significante que lhe foi atribuído.

Estes estudantes caracterizados como alunos-problemas, são tratados de maneira diferenciada por alguns professores, que por algum motivo, não conseguem lidar com os sintomas apresentados, dificultando a relação de transferência e conseqüentemente, ao processo de ensino/aprendizagem, o que leva ao fracasso escolar.

Para a psicanálise, a transferência está diretamente ligada ao aprendizado. Como afirma Ferrari (2003) *apud* Domith (2011), a transferência aparece como requisito fundamental do processo de ensino/aprendizagem, uma vez que o aluno atualiza seus desejos parentais vivenciados na infância e transfere para o professor. Desse modo, investe seu desejo libidinal na figura do professor, favorecendo assim, o seu desejo pelo saber.

A propósito, a criança já nasce com esse desejo dentro de si. Desde os seus primeiros dias de vida, a curiosidade em torno do seu corpo, do mundo  
á sua volta é corroborado por meio dos inúmeros

questionamentos do *querer saber* sobre a sua existência, que se prologam ao longo dos anos e que gera prazer quando à descoberta. Como exprime Cordié (1996; p.25), “o prazer da descoberta e a aquisição de conhecimento fazem parte da própria dinâmica da vida”.

Em se tratando de psicanálise e educação, Gurski e Umpierre (2013) acreditam que apesar das diversas tentativas de entrelaçamento da teoria psicanalítica ao campo da educação, ainda sim, se faz necessária cada vez mais, a comunicação e discussão entre esses dois campos de saberes, uma vez que, até hoje há o predomínio de uma pedagogia tecnicista que foca em comportamentos, minimizando a esfera subjetiva do aluno.

Neste artigo tenta-se estabelecer um diálogo entre a educação e a psicanálise, entendendo que a interseção entre estes dois campos de saberes possam construir novos conhecimentos que tragam uma nova ótica para assuntos ligados à vida do sujeito, como o trabalhado neste estudo.

Posto isso, buscar a interdisciplinaridade entre esses dois campos do saber é fundamental para que se possa compreender sobre o desenvolvimento do sujeito na condição de aluno. Como descreve Pedroza (2010) às pedagogias modernas precisam compreender questões que tem importância para a psicanálise e que fazem parte da constituição da estrutura da personalidade do sujeito, como exemplo, a frustração; a agressividade; os conflitos edipianos; entre outros.

O sujeito da psicanálise para Miranda e Santiago (2010), é constituído a partir do Outro que o insere na linguagem e que faz laço social. Contudo, o Outro no campo do simbólico não consegue dar conta de tudo através da linguagem, remetendo assim, ao impossível de se dizer que quando descoberto, causa mal-estar, fazendo com que esse sujeito crie respostas para suportá-lo, produzindo sintomas e no caso, se tornando um aluno-problema.

É preciso pensar que o aluno-problema é muito mais do que simplesmente um comportamento que é considerado problema para o Outro. Ele é dotado de subjetividade, particularidades e de um histórico familiar que influencia diretamente no seu modo de ser. Entender isso é o primeiro passo na desconstrução do estereótipo do aluno-problema, o que justifica a relevância deste estudo.

Destarte, esse artigo tem por objetivo apresentar a contribuição da psicanálise na desconstrução do rótulo aluno-problema, assim como, identificar os efeitos causados na subjetividade perante a este estereótipo.

## **Metodologia**

A metodologia usada nesse trabalho foi uma pesquisa bibliográfica, adotando como base o corpo teórico da psicanálise de Freud e Lacan e autores referências na temática da educação sob ponto de vista psicanalítico, como exemplo, Couto; Cordié; Cohen. Além disso, foi feita uma revisão da literatura científica de artigos encontrados na Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil (BVS-Psi Brasil) nos periódicos da Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (*PePSIC*), o que norteou a elaboração e constituição do estudo.

## **Resultados e Discussão**

Apesar de parecer um tema atual presente na realidade das escolas, as pesquisas sobre o aluno-problema não são recentes. Desde a década de 1930, os alunos que não se encontravam nos padrões estabelecidos pela escola e que por algum motivo, não conseguiam acompanhar a turma, eram considerados anormais. (TATIT, 2013).

Contudo, ao longo do tempo, com as inúmeras mudanças no campo da educação e com a cientificização<sup>1</sup> das dificuldades escolares, esse termo foi se generalizando, gerando novas concepções e classificações, o que resultou no aumento dos índices de alunos-problemas no ambiente escolar. Desse modo, o termo aluno-problema não está associado apenas aos alunos com dificuldades escolares, mas também, segundo Souza, Leal et al (2006), aos alunos com problemas orgânicos, cognitivos, comportamentais, emocionais, com dificuldade de socialização e de aprendizagem, que de algum modo representam uma adversidade para a escola.

No entanto, é preciso levar em consideração o que Miranda (2010) afirma e que tem correlação com a visão do aluno-problema adotado nessa pesquisa. Segundo ela, pode-se pensar que o aluno-problema é um produto de professores que se sentem depostos da sua função, atribuindo ao aluno, o motivo do seu embaraço. Dessa forma, tentam esconder essas situações por meio de práticas que acabam segregando o ensino.

Ademais, a escola se vê preso em um ideal de aluno com padrões já pré-estabelecidos socialmente, que o aluno que foge a regra é encarado como aluno-problema. Julgam como

---

<sup>1</sup>Termo utilizado por Pedro Teixeira Castilho em sua obra – Formas de mal-estar no campo da educação: sintoma, inibição e angústia nos fracassos escolares – 2012.

problema as características individuais dos alunos, fazendo com que eles assumam o lugar que lhes foram atribuídos, gerando inúmeros impactos na sua subjetividade, colaborando para o fracasso escolar.

Vale ressaltar também, que a escola é um ambiente em que a oferta de significantes está presente á todo momento. Muitos alunos chegam á clinica com uma patologia já pré-estabelecida, engessados por um discurso generalista que os encaixam em diagnósticos precoces, a fim de se obter uma explicação para o comportamento tido como problemático na escola, assim como, para as dificuldades tidas no processo de ensino/aprendizagem.

Lembrando, que o sujeito para a psicanálise é um sujeito, *á priori*, vazio, inserido pelo Outro no campo da linguagem e marcado por significantes que lhe constituem. Como Couto (2006, p.161) descreve, “falar do sujeito é necessariamente falar do Outro”. Outro que o nomeia. Outro que lhe usa como objeto de gozo. Outro caracterizado como o tesouro dos significantes que lhe determinam.

No entanto, de acordo essa teoria, a constituição do sujeito no campo do Outro se dá em duas operações: alienação e separação. No tocante a alienação, na interpretação de Pissetta e Besset (2011) e Couto (2012) trata-se de um processo de identificação, no qual, o sujeito ainda sem uma identidade busca se identificar a algo.

Contudo, mesmo com a identificação realizada, o sujeito não consegue obter-se de uma subjetividade, uma vez que, está à mercê de uma representação do Outro, capturado por um significante. Assim sendo, fixa na sua identificação primária, temendo se tornar um sujeito vago pela indefinição, constituindo o que Lacan chama de petrificação, ou seja, na sua falta de autoquestionamento.

Em contra partida, quando o sujeito se depara com a falta do Outro, percebe-se que também é um ser faltante que não completou o Outro, isto é, não assumiu o posto de falo imaginário. Desta maneira, o processo de separação se baseia na tentativa do sujeito em lidar com o desejo do Outro e aceitar a sua condição de incompletude.

Destarte, em conformidade com a discussão teórica, o aluno-problema é um produto do discurso do Outro. Ele chega à clínica falada pelo Outro, com um significante pré-estabelecido. O Outro em questão, segundo Couto (2012) podem ser os próprios pais, a escola ou até mesmo, um especialista em educação que atribuem à criança/aluno significantes para justificar algo. Nesse caso, o aluno se submete a estes

significantes, se identificando e agindo como tal, reforçando sua estrutura alienante. Há um processo de alienação do sujeito que se silencia, sendo impedido de ter acesso ao seu saber inconsciente e tornando-se objeto de gozo do Outro.

O que parece apenas um significante concedido ao sujeito, o discente frente ao rótulo de aluno-problema sofre diversos impactos na sua subjetividade. O fracasso escolar é só mais um deles. Frente a uma sociedade que tem o fracasso como antônimo de sucesso e discursa que pessoas bem sucedidas são aquelas que possuem um bom desempenho escolar, o sujeito se vê encarcerado em um ideal de ser.

Isto posto, Cordié (1998) descreve que o sujeito se angustia para atender as demandas do outro, que, quando foge á regra ou não corresponde a estas, é tido como fracassado. Outrossim, diante o fracasso escolar, o aluno-problema sofre também o rompimento do laço do com outro, decorrente de práticas segregativas que legitimam à exclusão, colocando-o como menos capaz á margem do contexto escolar.

É preciso destacar que não se pode culpar somente o aluno pelo seu insucesso. É necessário considerar a aprendizagem como resultante de um conjunto de variáveis, no qual, os laços sociais construídos e a esfera subjetiva tanto do aluno quanto do professor, se tornam mais um fator contribuinte no processo de ensino/aprendizagem. Desta maneira, não podemos padronizar este processo, já que, se trata de algo particular dos sujeitos envolvidos. (SILVA; BRANDÃO, 2011)

Assim sendo, por se tratar de uma abordagem em que a escuta e a interpretação dos desejos inconscientes são seus principais meios de intervenção terapêutica, a clínica de orientação psicanalítica tem papel fundamental na desconstrução do estereótipo do aluno-problema, uma vez que, como afirma Couto (2012) se baseia na clínica do detalhe, propondo investigar cada caso como único, evitando assim, possíveis generalizações.

Desse modo, entendendo que o aluno-problema é um produto do discurso do Outro, silenciados e alienados pelos significantes atribuídos, a psicanálise acredita, segundo Couto (2012) que ofertando a escuta e a palavra ao sujeito, para que o próprio possa nomear as suas dificuldades, dizer sobre seus conflitos, tendo acesso a sua subjetividade e à sua verdade inconsciente é a condição para que o sujeito faça sua construção particular, elaborando os seus significantes e saindo do seu estado alienante, extraíndo de si as classificações lhe dadas.

No que concerne ao fracasso escolar, tratado nesse artigo como uma das consequências do estigma do aluno-problema e tido para a psicanálise como um sintoma do sujeito, pelo qual, segundo Cohen (2006) fundamentada na teoria lacaniana dispõe de uma mensagem endereçada ao Outro como uma resposta diante de um mal-estar, a clínica de orientação psicanalítica também tem a sua colaboração no processo de tratamento desse sujeito.

Destarte, tomar o fracasso escolar como um sintoma é apostar que por trás dele tem algo que precisa ser decifrado. É apostar que ele fala, e se fala, tem possibilidade de interpretação, se constituindo como uma demanda de análise. Logo, por meio da escuta analítica que para Freud (1912), consiste em não dirigir a atenção para algum detalhe específico e manter a atenção flutuante diante o que se escuta, o sujeito pode tratar-se de questões que lhe causam mal-estar, elaborar algum “saber sobre sua própria verdade” (COUTO, 2012, p. 173) e vacilar sua alienação, levando-o a “desidentificação” dos significantes e a saída do local que o Outro o colocou.

### **Conclusões**

Esse estudo se propôs, como objetivo geral, compreender a contribuição da psicanálise para a desconstrução do estereótipo de aluno-problema. Em sua elaboração, foi buscado explicar as atribuições dadas a este termo, assim como, este pode afetar a subjetividade do indivíduo, entendendo o fracasso na escola como um dos impactos de maior visibilidade.

Percebe então, que a concepção de aluno-problema ao longo do tempo foi se evoluindo, tornando-se um termo generalista em que abrange todos os alunos com dificuldades escolares, seja qual for a sua causa, assim como, aos discentes que representam de alguma forma, um problema para escola.

Na ótica da psicanálise, o aluno-problema está voltado diretamente para uma posição do outro, que direciona aos alunos inúmeros significantes, entre eles, o de problema no qual, este se identifica e se aliena passando a agir como tal tornando-se, um produto do discurso do Outro e um objeto gozante.

Verificou-se também que o fracasso escolar é um dos impactos mais visíveis associados à nomeação de aluno-problema, uma vez que, nomeado como tal, o aluno perde o seu desejo pelo saber, rompendo o seu laço com o outro, o que influencia no seu desempenho escolar. No entanto, vale ressaltar que o aluno-problema diante

seu fracasso, na maioria das vezes, aceita essa posição, a fim de, direcionar uma mensagem ao outro.

É nesse ponto que a psicanálise afirma que, tratar o fracasso escolar como um sintoma ou como uma somatização do corpo diante das inibições intelectuais, é um passo para compreender a verdade inconsciente existente por trás dele e que o mantém, uma vez que todo sintoma tem um sentido atrelado a si que fala e que é passível de interpretação.

Sendo assim, por meio desse estudo, foi possível constatar que a psicanálise pode prestar a sua contribuição ofertando a clínica da escuta analítica, acreditando que ouvindo o que o sujeito trás de si, o analista possa acessar conteúdos inconscientes e ajudar o paciente a sair do estado alienante que o Outro o colocou por meio de um significante, fazendo com que este crie suas próprias significações.

No entanto, não basta apenas o encaminhamento de alunos-problemas para uma clínica de análise. É fundamental que se estabeleça uma maior conexão entre a psicanálise e educação, visando um modelo em que as instituições escolares considerem o aluno como um sujeito dotado de subjetividade, que influencia no seu processo de escolarização, assim como, não atribua o fracasso escolar como uma patologia do sujeito e sim, como um aliado na sua estruturação.

Porém, no decorrer desta pesquisa foi possível notar que o atual modelo da educação está tão voltado para a construção de um ideal de aluno, que na maioria das vezes, esquece do fator subjetividade de cada um deles. Ora, se professores/educadores tivessem uma base de ideias psicanalíticas, talvez, não caracterizariam como problema, algo que faz parte do processo da constituição do sujeito, ou, sua idiosincrasia frente a um mal-estar que vivencia no seu cotidiano.

### Referências

CORDIÉ, Anny. **Os atrasados não existem**: psicanálise de crianças com fracasso escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 214p.

COUTO, Margaret Pires. **Psicanálise e educação**: uma investigação das queixas escolares / Psychoanalysis and education: investigating school complaints. Psicologia da Educação. v. 18, p. 157-170, 2006.

COUTO, Margaret Pires. **O fracasso escolar e a família**: o que a clínica ensina? Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012. 288p.

DOMITH, Gisele Fernandes Loures. Algumas considerações sobre transferência e aprendizagem de língua.. In: O DECLÍNIO DOS SABERES E O MERCADO DO GOZO, 8., 2010,



São Paulo. **Proceedings online...** FE/USP, Available from:

<[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000003201000100024&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000003201000100024&lng=en&nrm=abn)>. Access on: 13 Oct. 2016.

FERRARI, R. F. **Considerações Psicopedagógicas da relação professor-aluno.** Revista Ciências Humanas online, Frederico Westphalen, RS. v. 4, n. 1, 2003. p. 1-14.

GURSKI, Rose; UMPIERRE, Alice. Educação e Psicanálise. **Educação & Realidade**, Porto Alegre v. 38, n. 2, p. 685-691, abr./jun. 2013.

Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)

MIRANDA, Margarete Parreira; SANTIAGO, Ana Lydía. **As conversações e a psicanálise aplicada à educação:** um estudo do mal-estar do professor e o aluno considerado problema.

In: O DECLÍNIO DOS SABERES E O MERCADO DO GOZO, 8., 2010, São

Paulo. **Proceedings online...** FE/USP, Available

from:<[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000003201000100039&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000003201000100039&lng=en&nrm=abn)>. Access on: 13 Oct. 2016.

MIRANDA. Margareth Parreira. **O mal-estar do professor em face da criança**

**considerada problema:** um estudo de psicanálise aplicada à educação. 2010. 230p. Tese

(Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2010.

PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. Psicanálise e educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 30, p. 81-96, jun. 2010.

PISETTA, Maria Angélica Mello; BESSET, Vera Lopes. **Alienação e separação:** Elementos para discussão de um caso clínico. Maringá: Psicologia em Estudo, v. 16, n. 2, p. 317-324, abr./jun. 2011.

SILVA, Karina Lima; BRANDÃO, Daniela Bridon dos Santos Reis. **O subjetivo no**

**processo de ensino-aprendizagem:** uma reflexão sobre o fracasso escolar. Mato Grosso do

Sul, 2011. Disponível em: <<http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/171.pdf>>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

SOUSA, L.M.; LEAL, G.A.L. & SELVA, A. C.V. **Caracterização do “aluno-problema” a partir da visão de professores da escola básica.** IN R. BORBA & A. BOTLER (ORG)

Caderno de Trabalhos de Conclusão do

Curso de Pedagogia – v.1 - 2004.1 – 2004.2 - 2005.1. Recife, Centro de Educação, UFPE, 2006, 28p.

TATIT, Diana Ribeiro. **Aluno “difícil”: por quê? Para quem?** Um olhar pra educação contemporânea a partir da relação professor aluno. 2013. 106p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.